

**ENSINO DA VARIAÇÃO DIAFÁSICA ATRAVÉS DO GÊNERO CONTO: UMA
PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

***DIAPHASIC VARIATION TEACHING THROUGH TALE GENRE: A PROPOSAL FOR
THE FUNDAMENTAL TEACHING***

Marcílio José Ferreira Nunes¹

Gilson Chicon Alves²

Recebido em: 15/06/2019

Aprovado em: 20/07/2019

Publicado em: 30/07/2019

RESUMO

A partir dos estudos desenvolvidos pelo americano William Labov, em meados da década de 1960, a língua passou a ser concebida como um sistema heterogêneo e susceptível de mudança. Desses achados linguísticos, emergiu a teoria da Variação Linguística, cuja essência é a proposição de que a língua varia de acordo com vários fatores linguísticos e sociais, entre eles o tempo, o espaço e contexto de uso. Sob essa perspectiva, o presente artigo relata a aplicação de uma sequência didática como parte de uma proposta intervencionista aplicada numa turma de 6º ano do ensino fundamental de uma comunidade majoritariamente rural do município de Icapuí, litoral extremo Leste cearense, no último bimestre letivo do ano de 2015, em consonância com a proposta do Programa de Mestrado Profissional em Letras. Objetivava-se com essa parte do trabalho de dissertação a conscientização dos discentes sobre o reconhecimento da variação linguística diafásica. Para alcançar esse intento, foi proposta uma atividade de interpretação de um conto de nossa autoria, cujo enredo trata acerca da necessidade de se adequar as variantes linguísticas de acordo com o contexto interacional. Usamos como fundamentação teórica, Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2014), Bortoni-Ricardo e Oliveira (2013), Brasil (1998), Goffman (2013), Tarallo (2007), Thiollent (2009) e Weinreich, Labov e Herzog (2006). Com a aplicação da sequência didática, os resultados obtidos foram satisfatórios, uma vez que foi apresentada e compreendida, integralmente, a abordagem da Variação Linguística Diafásica por meio da interpretação do enredo de contos, conforme as respostas dos discentes nos revelam.

Palavras-chave: Variação Diafásica; Gênero Conto; Ensino.

ABSTRACT

From the studies conducted by the American linguist William Labov in the mid-1960s, language was conceived as a heterogeneous and changeable system. From these linguistic findings, the Theory of Linguistic Variation arises, whose main proposal is that the language varies according to several linguistic and social factors, including period of time, environment and contextual use. In this perspective, the present article approaches the application of a didactic sequence as part of an interventionist proposal applied in the last period of a 6th grade elementary school class in the rural county of Icapuí, located in the extreme east coast of the state of Ceará, Brazil, in the year 2015, according to the goal of the Professional Master's Program in Letters. This part of the dissertation research aimed to make students aware of the recognition of diaphasic linguistic variation. To achieve this goal, we proposed an interpretation of an authorial short story, whose plot deals with the need to adapt the linguistic variants according to the interactional context. As theoretical foundation We use, Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2014), Bortoni-Ricardo and Oliveira (2013), Brazil (1998), Goffman (2013), Tarallo (2007), Thiollent Weinreich, Labov and Herzog (2006). The application of the didactic sequence led to satisfactory results, since the Diaphasic Linguistic Variation approach was presented and fully understood through the interpretation of the narrative, according to the students' responses.

Keywords: Diaphasic Variation; Genre Tale; Teachin.

¹ Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; ex-professor efetivo da rede estadual do Ceará de ensino e da rede municipal de Icapuí; membro dos grupos de pesquisas Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte- ALRN e Grupo de pesquisa em Ensino da Linguagem na Contemporaneidade, ambos da UFERSA. ORCID: 0000-0003-1473-0613. E-mail: majofenu@gmail.com.

² Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2001) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2012). Atualmente é professor adjunto 4 da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística, fonologia, português, descrição e linguística textual coerência coesão. ORCID: 0000-0002-6184-8406. E-mail: gcario65@hotmail.com.

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

INTRODUÇÃO

Os achados da pesquisa sociolinguística têm sido de fundamental importância para nortear a atividade docente no que tange à busca pelo letramento dos discentes, uma vez que o referido ramo da Linguística possibilita o reconhecimento da realidade social dos alunos denudada pela realidade vernacular de cada um deles. Reconhecendo o perfil de seu corpo discente, pode-se desenvolver as intervenções didáticas considerando a realidade do público alvo em vista de seu letramento.

Dentro dessa perspectiva sociolinguística voltada para o ensino, cabe ao professor de língua portuguesa perpassar a análise de normas padronizadas da língua para construir a consciência linguística de seu aluno, a fim de que este possa adequar o uso dessa língua de acordo com o contexto comunicativo.

Diante das mais variadas manifestações de preconceito linguístico vindas de colegas e de discentes nas escolas pelas quais trabalhamos, resolvemos propor uma intervenção numa dessas escolas, a fim de conscientizarmos os discentes acerca dos problemas existentes em desconsiderar a língua como heterogênea, viva e moldada pelas necessidades de seus usuários

Nosso trabalho de dissertação defendido em dezembro de 2016, teve como objetivo geral intervir numa turma de 6º do Ensino Fundamental para conscientizá-los acerca do preconceito linguístico. Para chegar a essa finalidade, no entanto, o trabalho seguiu etapas e uma delas, da qual trataremos nesse relato, ocupou-se da conscientização dos discentes sobre o reconhecimento da variação linguística diafásica. Em vista desse objetivo específico, foi proposta uma atividade de interpretação de um conto de nossa autoria, cujo enredo trata acerca da necessidade de se adequar as variantes linguísticas de acordo com o contexto interacional.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A premissa que fundamentou nosso trabalho está na necessidade de se abordarem as variações linguísticas a partir de uma reflexão norteadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de língua portuguesa. Estes, por seu turno, versam que “a questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas.” (BRASIL, 1998, p.21)

Segundo o documento, deve-se abandonar o mero julgamento da noção de erro em vista de uma abordagem que prepare o discente a adequar seu uso às circunstâncias em que se dá o evento comunicativo.

Desde a sua mais tenra idade, a sociolinguística tem se ocupado em analisar as implicações que a heterogeneidade linguística apresenta ao processo de aprendizagem. Bortoni-Ricardo e Oliveira (2013) relatam que, logo nos primeiros estudos dessa vertente, era objeto de preocupação o fraco desempenho de crianças mais pobres nos Estados Unidos, não aleatoriamente, crianças negras.

Relatam as autoras que havia uma dupla ignorância: de um lado, a escola a ignorar o vernáculo dos discentes e de outro, os alunos a não compreenderem o padrão linguístico imposto pela escola. O que levou a disciplina a engajar-se na luta em favor do respeito às diferenças linguísticas.

Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006), em sua segunda pesquisa, William Labov, pioneiro nos estudos sociolinguísticos, ocupou-se da estratificação social do inglês na cidade de Nova Iorque, o que resultou na sua tese de doutorado, publicada em 1966. Tarallo (2007) conta-nos que, na referida tese, foi desenvolvido o estudo sobre vernáculo dos adolescentes negros do Harlem, Nova Iorque.

Bortoni-Ricardo (2014) ajuda-nos a entender como se deu essa pesquisa. Segundo ela, o baixo rendimento apresentado por crianças oriundas de grupos linguísticos minoritários foi o ponto de partida para o estudo sobre vernáculo dos adolescentes negros do Harlem. Tinha-se a pretensão de investigar os motivos pelos quais essas crianças apresentavam um rendimento escolar inferior ao das crianças de classes mais favorecidas.

Embora as contribuições da vertente variacionista sejam de suma importância para compreensão da língua como realidade social, Goffman (2013) aponta que algo estava sendo negligenciado.

Para o autor, além os atributos da estrutura social, o contexto em que se dá a interação deve ser levado em conta: com quem se fala; através de que canal de comunicação; posição social do interlocutor etc. Essas questões, dadas numa situação imediata, isto é, implicadas durante a interação, criam uma situação social na qual são

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

proporcionadas possibilidades múltiplas de monitoramento do uso da língua. (GOFFMAN, 2013, p. 17)

Nesse sentido, embora não haja uma negação da preexistência das estruturas sociais (Fatores regionais, históricos etc.), como fatores influenciadores dos usos, rejeita-se a tese de que tais estruturas sejam determinantes para o uso de uma variedade linguística. Essa tese cede espaço para a noção de que tais estruturas são moldadas durante o curso da interação.

Conforme Bortoni-Ricardo (2005), a ênfase da sociolinguística interacionista perpassa a ocupação com estudo acerca dos fatores que incidem sobre a variação e mudança linguística, em favor do reconhecimento das estratégias usadas durante a interlocução a partir do repertório disponível aos interlocutores de acordo com o contexto comunicativo e a sua intencionalidade.

Em se tratando de uma análise acerca das variedades linguísticas brasileiras, a autora, contrapondo à visão de que há essas fronteiras rígidas, defende uma mobilidade e interseção entre tais variedades a serem realizadas no que ela denomina *continuum* horizontal.

Bortoni-Ricardo (2004) apresenta maiores detalhes acerca de sua proposta para o trato da realidade linguística brasileira, conforme podemos verificar: “para entendermos a variação no português brasileiro, vamos propor a você que imagine três linhas, que vamos chamar de contínuos e que são: contínuo de urbanização; contínuo de oralidade-letramento e contínuo de monitoração estilística.” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 51)

Em face aos objetivos aqui traçados, discorreremos acerca de apenas um dos *continua*. Trata-se do *continuum* de monitoração estilística, sobre o qual a autora assevera: “De modo geral, os fatores que nos levam a monitorar o estilo são: o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa.” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 63)

Levando em conta esses três fatores apontados pela autora, o falante há de mudar de estilo de acordo com as exigências postas sobre os componentes da interação.

Esse *continuum* é, portanto, para nosso trabalho, de fundamental importância no que se refere ao entendimento da complexidade em que estão inseridos os aspectos que envolvem os contextos situacionais através dos quais se efetivam os eventos de interação.

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

Todavia, ressaltamos que nos limitamos a tratar essa variação num âmbito compartimentado em que, trabalhamos o conceito de variação diafásica postulado por Bagno (2007), por ele assim denominado: “[...] o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento”.

Dentro dessa perspectiva, consideramos apenas a relação de concorrência proposta por Tarallo (2007) entre a variante “padrão vs. não padrão”, não percorremos a produtiva linha do *continuum* proposto Bortoni-Ricardo (2004), por questões didáticas.

Ainda nos cabe fazer uma observação a respeito do tratamento da chamada norma padrão como uma variedade linguística nesse trabalho. Partimos de uma concepção exposta por Monteiro (2000), embora julguemos que as contribuições de Bagno (2007) sejam mais bem elaboradas, uma vez que este não considera a norma padrão uma variedade linguística, por não representar o uso de nenhuma comunidade linguística real, enquanto que aquele a concebe como uma variedade.

Optamos pelas definições de Monteiro (2000) por consideramos ser essa noção mais acessível à turma, já que se tratam de pré-adolescentes de uma turma de 6º ano e que há pouco tempo foram alfabetizados.

Partindo desses pressupostos da Variação Diafásica, coube-nos intervir em sala de aula abordando a variação linguística em virtude do contexto comunicativo através da interpretação do enredo do conto *O Erro de Normando*³.

Salientamos que, embora a necessidade de se reconhecer a língua como variável e de se desfazer os enganos que reproduzem o preconceito linguístico sejam de amplitude social bem mais abrangente, por limitações dos alcances das ações, limitamo-nos a intervir apenas nesse grupo considerado.

METODOLOGIA

Nossa dissertação como um todo se insere no modelo de pesquisa-ação, uma vez que todos os procedimentos da pesquisa foram realizados juntamente com o grupo implicado. E a cada passo dado foram apresentados e discutidos os avanços que obtínhamos através de cada ação. Também íamos verificando de forma dialogada quais

³ texto de produzido pelos autores deste trabalho.

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

resultados esperados não haviam sido alcançados, como forma de avançarmos em busca do objetivo geral.

Segundo Thiollent (2009), a pesquisa-ação insere-se no tipo de pesquisa social em que seus procedimentos são realizados através de ações participativas, entre pesquisadores e grupos implicados, em busca de soluções para problemas que repercutam sobre essa coletividade.

O objetivo geral do trabalho dissertativo era intervir na sala de aula de alunos de uma turma do ensino fundamental por meio de ações e atividades que promovessem a sua conscientização sobre a existência do preconceito linguístico, conforme já mencionado.

Vale ressaltar que, a fim de alcançar o objetivo geral, cumprimos etapas com fins específicos. E a etapa a ser apresentada neste relato teve como objetivo a conscientização dos discentes acerca da variação linguística em fase à interação, está inserida no referido modelo de pesquisa, através de uma sequência didática.

Considerando o postulado de Chevallard (1991), enquadramos essa etapa do nosso trabalho no tipo de pesquisa chamado transposição didática. Uma vez que o autor aponta que os procedimentos desse tipo de pesquisa são realizados em etapas que se buscam proporcionar a transposição de um saber científico, por ele chamado de “saber sabido”, passando pelo “saber aprender ensinar” chegando no “saber aprender”.

Corroborando o que fora mencionado, Pais (2011), assevera que a finalidade do cumprimento dessas etapas tem como objetivo transpor, adequar o conhecimento científico ao contexto da realidade dos alunos com vistas ao aprendizado.

CONTO “O ERRO DE NORMANDO”

Vamos agora ao texto trabalhado como instrumento de diálogo e produção de dados:

Quadro 1: Conto *O erro de Normando*

O erro de Normando

Normando era um menino que levava muito a sério tudo o que aprendia. Assim que aprendeu a ler com certa habilidade, mexendo na dispensa de sua casa, encontrou um livro chamado “gramática da língua portuguesa”. Ao abrir uma de suas páginas, leu uma frase que lhe chamou muito a atenção: **“esse livro contém as regras de bom uso da língua”**. Normando logo pensou: “Olha só: um livro que ensina a língua portuguesa de

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

verdade!!! [...] Eu quero ler!” E desse dia em diante, Normando não soltava o bendito livro. E cada vez mais aprendia as regras nele contidas.

Na volta às aulas, sua professora passou uma atividade bem conhecida de todos: produzir uma redação para que cada um contasse como havia sido suas férias. O que para muitos não passava de uma atividade chata e sem sentido, para Normando era a primeira grande chance de mostrar o que aprendera naquele livro que tanto lera durante as férias. E produziu seu texto usando todas as regras de uso dos pronomes oblíquos, aqueles (ME, TE, LHE, OS, AS, etc.) de que você já deve ter ouvido falar!

Lendo o texto do menino Normando, a professora estava muito admirada com o modo de escrever do menino: **“*contar-lhes-ei como foram minhas férias [...]*”** _ Foi como iniciou o texto o menino; **“*nada de interessante dir-lhes-ia de minhas férias, se não o tivesse encontrado [...]*”**, _ seguia Normando, se referindo à gramática que havia achado na dispensa de sua casa. E para terminar, escreveu: **“*Encontrei-me com o verdadeiro manual da língua portuguesa. De hoje em diante, utilizá-lo-ei e distanciar-me-ei dos erros que tanto ferem nossa língua!*”**.

Nada restou à professora, com pouco estudo sobre a língua portuguesa, senão parabenizar o menino pela forma como ele havia produzido seu texto, já que nem ela mesma saberia usar com tanta perfeição esses pronomes, segundo as regras da gramática normativa.

Ao receber seu texto corrigido com um **“PARABÉNS”** e uma **nota 10**, Normando, então, passou a ter certeza de que estava no caminho certo e que deveria continuar estudando as regras gramaticais para saber usar bem a língua.

De volta à sua casa, lá estava Normando lendo sua gramática. Aparece sua mãe e pergunta:

_ Normando, meu filho, você já fez sua tarefa de casa?

_ Fi-la, mãe!

_ Que fila, menino?! [...] Tá sonhando?! [...] Onde que cê tá vendo fila?!

_ A senhora não me entende?! [...] Perguntou-me se eu havia feito a tarefa de casa, e eu lhe respondi que a havia feito!

_ Ah! Entendi! Cê tá sabido, hein, filho?! Responde sua mãe, com meio sorriso, achando um pouco estranho o modo de falar do menino.

Toca a campainha da casa de Normando: DIN-DON!

_ Quem é? _ Pergunta Normando!

_ É o Zé, num tá conhecendo minha voz naum, mah?!

_ Sim! Diga.

_ Ora diga! [...] Tá na hora da gente brincá, mah! [...] Abre logo essa porta, doido!

_ Desculpa: abrir-lhe-ia a porta, se não estivesse ocupado, mas como o estou, procurar-te-ei noutra hora.

_ É o quê, mah?! Tu tá ficano doido, é?!

_ Doido?! [...] Eu?! [...] Por quê?! [...] Noutro momento, falar-nos-emos, e explicar-te-ei melhor, amigo!

_ Tá bom! Tá bom! Tá bom! [...] Precisa me esculhambar naum!

Por favor, compreenda-me! [...] Estou falando para encontrarmo-**nos** depois.

_ Tá vacilando é, doido?! [...] Vai se encontrar **nu** com o diabo [...], mas não comigo!!! [...] Falou!!! _ Despede-se Zé, confuso com o que acabara de ouvir.

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

__Que coisa triste é a ignorância de quem não sabe falar conforme as regras da nossa gramática. __Pensou Normando, indiferente ao espanto do colega.

No dia seguinte, na escola, o menino Zé, ainda espantado, tratou de espalhar para todo mundo que Normando o havia chamado para se encontrarem **nus**. Pelo menos foi o que, segundo ele, ouvira da boca do próprio Normando. E a zoeira era grande. Até que a história foi parar na secretaria da escola.

__Normando, meu filho que conversa feia é essa que você chamou seu coleguinha para se encontrar **nu** com você, meu filho?!_Pergunta a coordenadora da escola, querendo desvendar o mistério.

__Professora, eu não lhe fiz tal convite. Na verdade, avisei-lhe que noutra momento encontrar-nos-ia, pois naquela hora eu estava ocupado. Mas ele não sabe falar português direito e não entendeu o que eu quis dizer-lhe! Foi só isso! _Responde Normando, com toda segurança.

Estavam ali, com os dois garotos, a coordenadora e uma estagiária graduanda em letras/ Português, chamada Sofia, que estava chegando para fazer uma pesquisa na escola. Diante daquela confusão, a universitária, mesmo com medo de perder a oportunidade para seu estágio, resolveu intervir:

__Licença, pessoal! [...] Eu posso dar uma palavrinha? [...] _ Falou Sofia meio tímida.

__Sim, claro! _Respondeu a coordenadora, pensando: __lá vem esse povo com as teorias de faculdade que não ajudam em nada o dia a dia da escolar!

__Normando, meu filho, é admirável a maneira como você, com tão pouca idade e estudo, consegue usar as regras da gramática normativa com tanta facilidade! Parabéns! [...] Agora eu preciso te dizer uma coisa: **essas regras devem ser usadas só quando a gente está escrevendo ou falando em situações bem formais, como, por exemplo, num debate público com autoridades; numa entrevista para TV, em que o entrevistado é responsável por alguma instituição; numa carta para uma autoridade ou numa redação para o vestibular ou ENEM, e, mesmo nesses casos, não é necessário tanto rigor.**

__Quer dizer, professora, que quem fala do jeito que a gramática ensina não está falando certo?!_ Pergunta Normando decepcionado.

__Primeiro vamos esclarecer esse negócio de **CERTO** e **ERRADO**. Tudo bem, Normando?!_ Responde Sofia.

__Tudo bem, professora!

__A gente fala **CERTO** quando as pessoas que nos ouvem conseguem entender o que a gente quis dizer. E fala **ERRADO** quando as pessoas não entendem a nossa mensagem, pois, nesse caso, **não houve uma comunicação satisfatória.**

__Quer dizer, então, professora, que, quando eu disse **ENCONTRAR-NOS-EMOS** ou que era para **ENCONTRARMO-NOS** depois, eu **falei errado**?! [...] Mas não é assim que as regras de bom uso da língua ensinam?! [...] Não tô entendendo mais nada!

__De certa forma, você falou errado sim, Normando, pois, na situação em que você utilizou essas formas de uso da língua, elas mais atrapalharam sua comunicação com seu colega Zé do que ajudaram! Concorda?!

__É mesmo, professora! Então, quer dizer que eu não preciso mais estudar a gramática para saber usar bem a língua portuguesa?!

__Calma aí, Normando! [...] Não é bem assim que funciona não, viu?! [...] **Você vai continuar estudando as regras da gramática sim!** O que você tem que ter em

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

mente é que essas regras só são adequadas em situações formais, como lhe disse antes. E você vai precisar delas sim para passar no ENEM, fazer faculdade, passar num concurso e arrumar um bom emprego... Entendeu?! [...] Ah! [...] Antes que eu me esqueça: quando for conversar com seus colegas, a primeira coisa que deve ter em mente é se eles vão entender o que você quis dizer para evitar mal entendido! [...] Tá certo, Normando?!

__Tá certo, professora! Obrigado!_ Responde Normando aliviado.

__Ei, mah, qué dizé que tu num tava querendo me ver nu não?! _Perguntou Zé, depois de ouvir toda conversa.

__ Eu mermo não, mah?! Tá ficando doido, é?!

__ Ainda bem! Tava era ficando com medo de tu, ó, mah?!

_ Sai fora, mah!!! Sou nem imoral! IEEEEEE!

Desfeita toda a confusão, enfim, a paz volta a reinar, graças à ajuda de Sofia, que havia aprendido há pouco tempo na faculdade, na disciplina de Sociolinguística, que **a língua varia de acordo com a situação de uso.**

Ficou claro para ela que da mesma forma que não se usa paletó, gravata e sapato para ir à praia e nem se vai só de sunga para um casamento, missa ou culto, também é **inadequado falar conforme as regras da gramática em situações informais**, como geralmente acontece em conversas entre pessoas que têm certa intimidade, como também é **inadequado falar ou escrever em situações formais da mesma maneira que falamos quando estamos entre os colegas.**

Fonte: texto de produzido pelos autores deste trabalho.

OBJETIVOS DO EXERCÍCIO SOBRE O CONTO *O ERRO DE NORMANDO*

EXERCÍCIO – *O erro de Normando*⁴

1- Normando passou a pensar que as regras da Linguagem padrão, trazidas na gramática da língua portuguesa, eram de fato a única maneira de usar a língua portuguesa corretamente. Com isso ele passou a ignorar outras formas de usar a língua. Qual a sua opinião sobre a atitude de Normando?

OBJETIVO: espera-se que o (a) discente tenha a mínima noção de que atitudes iguais a de Normando, baseadas na gramática normativa, que considera qualquer variedade da língua diferente da norma padrão um erro, não é uma concepção baseada em fatos científicos, pois, além da linguagem formal, no dia a dia das pessoas, é usada a

⁴ O exercício propunha outras questões, porém as que trouxemos a esse trabalho, bem como a apresentação e discussão dos dados obtidos através das respostas dadas a essas questões nos são suficientes para análise dos resultados obtidos. O exercício em sua íntegra encontra-se em NUNES, Marcílio José Ferreira. Ensino de Variação Linguística através do Gênero Conto: uma proposta para o ensino fundamental. 2016. 138f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2016. Disponível em <<http://fala.uern.br/profletras/default.asp?item=profletras-mossoro-dissertacoes-turma2>>

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

linguagem informal. Considere qualquer reflexão feita pelo aluno que aponte para esse caminho.

2- Levando em conta que aprender as regras da gramática normativa (variedade padrão) é necessário, qual foi o erro de Normando?

OBJETIVO: espera-se que o (a) discente perceba que o grande erro de Normando foi achar que variedade padrão, prescrita pela gramática normativa era única forma de usar a língua corretamente, quando essa variedade é apenas uma dentre tantas outras.

PASSO A PASSO DA INTERVENÇÃO

A fase de aplicação da pesquisa referente à Sociolinguística interacional, em sala de aula, deu-se em duas quartas-feiras seguidas, com duas horas/aula cada.

No primeiro dia, foi entregue um exemplar do segundo conto, *O erro de Normando*, para cada aluno e, em seguida, foi feita pelo professor a leitura oral do conto de modo que cada aluno compreendesse o enredo da narrativa.

Os trabalhos continuaram com a proposta de uma atividade sobre o conto *O erro de Normando* contendo questões que levaram os alunos ao conhecimento e à compreensão da variação linguística situacional, bem como à noção de consideração das formas de uso da língua norteadas pelo grau de monitoramento, visando a uma reflexão sobre a noção de erro. Foram dados vistos nos cadernos dos discentes para acompanhar o engajamento de cada um diante da atividade proposta em sala, visando ao acompanhamento do processo em que cada um deles se apoderava do conhecimento compartilhado.

No segundo dia, recomeçamos com as seguintes ações: retomada do conto *O erro de Normando* para reflexão coletiva acerca do exercício proposto com espaço para interação entre os discentes por meio de socialização de suas respostas, após a leitura de cada questão por parte do professor.

Foram várias questões respondidas e debatidas sobre o conto. Porém, em virtude, do modelo em que se enquadra esse trabalho, apresentaremos os resultados referentes a apenas duas questões propostas ao grupo implicado.

DISCUSSÃO SOBRE O RECONHECIMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DIAFÁSICA

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

Nos quadros a seguir, estão dispostos os dados levantados sobre reconhecimento da variação situacional através da análise de duas respostas da atividade “O erro de Normando”.

Quadro 2- Levantamento de dados sobre reconhecimento da variação situacional nas respostas dos discentes - livre opinião

Normando passou a pensar que as regras da Linguagem padrão, trazidas na gramática da língua portuguesa, eram de fato a única maneira de usar a língua portuguesa corretamente. Com isso ele passou a ignorar outras formas de usar a língua. Qual a sua opinião sobre a atitude de Normando?		
RESPOSTAS	01	<i>Que ele não falece do jeito que o livro ensinava anunciar em redação.</i>
	02	<i>Que do jeito do livro não era o correto para ele falar no dia dia.</i>
	03	<i>Devia usar-la na hora certa.</i>
	04	<i>Sim, por que depois que ele encontrou o livro e começou a estuda-lo e deixou de falar como antes.</i>
	05	<i>Que tentou usar a língua portuguesa correta.</i>
	06	<i>Ele deveria usar as regras da gramática só nos momentos que precisasse.</i>
	07	<i>Errado, porque ele sabia que seus amigos e familiares falavam de forma diferente.</i>
	08	<i>Que ele não era pra usar a norma padrão toda hora.</i>
	09	<i>Eu acho que a atitude dele foi errada, já que nós usamos a linguagem padrão só em ambientes bem formais.</i>
	10	<i>Que ele não soube usa a linguagem correta.</i>

Fonte: Elaborado pelos autores.

No primeiro item do questionário proposto para o conto *O erro de Normando*, esperava-se que os discentes tivessem a mínima noção de que atitudes iguais a de Normando, baseadas na gramática normativa, que considera errada qualquer variedade da língua diferente da norma padrão como um erro, não é uma concepção respalda em fatos científicos, isto é, baseada numa conclusão a partir de uma observação da língua em uso, pois, além da linguagem formal, no dia a dia das pessoas, é usada a linguagem informal, e, por isso, considerou-se qualquer reflexão feita pelo aluno que sinalizasse para esse caminho.

Ao serem perguntados sobre o que achavam do fato de Normando ter passado a pensar que as regras da Linguagem padrão, trazidas na gramática da língua portuguesa, eram de fato a única maneira de usar a língua portuguesa corretamente, passando a ignorar outras formas de usar a língua, obtivemos as seguintes respostas:

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

No primeiro grupo, contamos com uma resposta de um dos participantes, o de número 05, o qual não percebeu que a língua varia conforme as circunstâncias de uso, atribuindo à gramática normativa o *status* de língua em sua totalidade, conforme se pode perceber com sua resposta: “Que tentou usar a língua portuguesa correta.”

No segundo grupo, chegaram a conclusões semelhantes os participantes 02, 03 e 08. Eles concluíram que as regras gramaticais não correspondem a um modelo que deva ser seguido em todas as situações de uso. Sinalizando timidamente para noção de variação linguística circunstancial. Seguem as conclusões dos participantes 01, 03 e 08, são, respectivamente: “Que do jeito do livro não era o correto para ele falar no dia dia.”, “Devia usar-la na hora certa.” e “Que ele não era pra usar a norma padrão toda hora.”.

No terceiro grupo, encontramos as repostas dos participantes 01, 06, 09, que foram um pouco além dos participantes dos grupos anteriores, pois concluíram que as regras da gramática normativa, além de não serem a única variedade linguística, têm seus espaços em determinados contextos de usos. Os contextos de usos onde se exigia um maior grau de formalidade. A resposta do participante 01 expressou a conclusão “Que ele não falace do jeito que o livro ensinava anunciar em redação.”, a do participante 06 expressou “Ele deveria usar as regras da gramática só nos momentos que precisasse.” e do participante 09 “Eu acho que a atitude dele foi errada, já que nós usamos a linguagem padrão só em ambientes bem formais.”

No quarto grupo, tivemos as conclusões a que chegaram os participantes 04 e 07. Ambos apontam para a reflexão de que o fato de utilizar as regras da gramática normativa em todas as situações configura-se a negação de seu vernáculo e de sua comunidade linguística, causando estranheza no seu uso cotidiano da língua. As conclusões a que chegam os participantes 04 e 07 são, respectivamente: “Sim, por que depois que ele encontrou o livro e começou a estudá-lo e deixou de falar como antes.” e “Errado, porque ele sabia que seus amigos e familiares falavam de forma diferente.”

Por fim, o participante de número 10, apresentou a conclusão de que a norma padrão é correta, mas que o fato de não se saber em quais circunstâncias se devem usá-las é não saber usá-la, conforme se pode verificar a seguir: “Que ele não soube usa a linguagem correta.”

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

Quadro 3 - Levantamento de dados sobre reconhecimento da variação situacional diafásica nas respostas dos discentes - livre opinião

Levando em conta que aprender as regras da gramática normativa (variedade padrão) é necessário, qual foi o erro de Normando?		
RESPOSTAS	01	<i>Fica usando a fala normativa toda hora.</i>
	02	<i>Tentar falar igual a gramática todo momento no dia.</i>
	03	<i>Foi ter começado a falar todas regra de gramática em todos os momentos.</i>
	04	<i>Falar a gramática quando não precisa.</i>
	05	<i>Usar as regra no momento errado.</i>
	06	<i>Falar como a gramática todo tempo.</i>
	07	<i>Falar de acordo com a gramática todo tempo.</i>
	08	<i>Usar a norma padrão onde não era pra usar.</i>
	09	<i>Usar a regra padrão em ocasiões impróprias</i>
	10	<i>Falando certo na hora errada.</i>

Fonte: Elaborado pelos autores.

No segundo item do questionário proposto para o conto *O erro de Normando*, esperava-se que os discentes concluíssem que o grande erro de Normando foi achar que variedade padrão, prescrita pela gramática normativa era única forma de usar a língua corretamente, quando essa variedade é apenas uma dentre tantas outras.

Ao serem perguntados sobre qual teria sido de fato o erro de Normando, levando em conta que é necessário aprender as regras da gramática, os dez participantes apresentaram as seguintes respostas.

No primeiro grupo de repostas, com concepções semelhantes, concluiu que o erro de Normando, do ponto de vista prático da língua foi querer usar os modelos prescritos pela norma padrão em todas as situações de uso. Fazem parte desse grupo os participantes 01, 02, 03, 06 e 07, com as respostas apresentadas, respectivamente: “Fica usando a fala normativa toda hora.” “Tentar falar igual a gramática todo momento no dia” “Foi ter começado a falar todas regra de gramática em todos os momentos.” “Falar como a gramática todo tempo.” “Falar de acordo com a gramática todo tempo.”

No segundo grupo de respostas com conclusões semelhantes, temos os participantes 05, 08 e 09. As respostas deles são conclusões parecidas, porque apontam para noção de que existem momentos em que a língua não permite o uso das regras

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

prescritas na gramática normativa. Essas conclusões foram expressas com as respostas seguintes: “Usar as regra no momento errado.”, “Usar a norma padrão onde não era pra usar.” e “Usar a regra padrão em ocasiões impróprias”, respectivamente, dadas pelos participantes 05, 08 e 09.

O participante 10, por seu turno, concluiu que a norma padrão é a forma correta de usar a língua, porém considerou que estava sendo utilizada por Normando na hora errada, como se pode verificar a seguir, apontando para a noção de que há momentos em que o uso dessa variedade não é acertado, conforme podemos verificar a seguir: “Falando certo na hora errada.”

E, por fim, o participante 04, em sua resposta, demonstra que chegou à conclusão de que o uso da norma padrão nem sempre é necessário.

Diante do exposto pelas respostas de cada um dos dez participantes, percebemos que nove deles conseguiram refletir de forma satisfatória sobre existência de outras formas de usos da língua, diferentes daquelas prescritas pela norma padrão. Sem negar a importância da norma padrão, concluíram que não deve ser utilizada em todas as circunstâncias, sinalizando para uma noção satisfatória sobre a variação da língua de acordo com a situação. Outra sinalização que apresentaram as reflexões desses participantes foi o fato de se configurar um erro, do ponto de vista do uso real da língua, não saber qual tipo de variedade utilizar em função do contexto comunicativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos ter implantado no grupo considerado uma tomada de consciência que norteará um processo de reconstrução da visão dos participantes a respeito da realidade linguística com entidade heterogênea. Tal consciência lhes permitirá refletir acerca da adequação do uso da variedade linguística de acordo com contexto da interação.

Os achados dessa experiência nos impulsionam ao empenho pela busca de uma prática docente comprometida com a conscientização sobre a realidade heterogênea da língua.

De posse dessa realidade, somos responsáveis pela inclusão dos discentes, oriundos de comunidades linguísticas cuja variedade é desprestigiada, numa cultura de

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

letramento, tornando-os usuários competentes nos mais variados eventos comunicativos que lhes sejam necessários.



INICIAÇÃO
&
FORMAÇÃO
DOCENTE

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. (1961) **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. (1945) **Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BORTONI-RICARDO, S. M. & OLIVEIRA, T. Corrigir ou não variantes não padrão na fala do aluno? *In*: BORTONI-RICARDO, S. M. & MACHADO, V. R. (Orgs.). **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito**. São Paulo, p. 45-62, Parábola, 2013.

BRASIL (1998) **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF.

CHEVALLARD, Y. (1991) **La TranspositionDidactique: Du SavoirSavantauSavoirEnsigné**. Grenoble, La penséeSauvage.

GOFFMAN, E. **A situação Negligenciada**. *In*: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. Orgs. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013. Cap. 1, p. 13-20.

PAIS. L. **Didática da Matemática, uma análise da influência francesa**. Coleção Tendências em Educação Matemática, 3ª edição, Editora Autêntica, 2011. 136p.

TARALLO, F. (1951-1992) **A pesquisa sociolinguística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

THIOLLENT, M., 1947 – **Metodologia da pesquisa-ação**/ Michel – 17. Ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. **Fundamentos empírico para uma teoria da mudança linguística**/ tradução Marcos Bagno: revisão técnica Carlos Alberto Faraco; Posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugénia Lamoglia Duarte. -São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Como citar este artigo (ABNT)

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C. ENSINO DA VARIAÇÃO DIAFÁSICA ATRAVÉS DO GÊNERO CONTO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL. *Revista Iniciação & Formação Docente*, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2019. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

NUNES, M. J. F.; ALVES, G. C.

Como citar este artigo (APA)

NUNES, M. J. F. & ALVES, G. C. (2019). ENSINO DA VARIAÇÃO DIAFÁSICA ATRAVÉS DO GÊNERO CONTO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.



**FORMAÇÃO
DOCENTE**